
As ondas feministas e O Conto da Aia:
O enfoque do *storytelling* sobre a personagem *Offred*¹

Yuri Ferreira de Aguiar BOTELHO²
Thamiris Magalhães de SOUSA³
Faculdade de Estudos Avançados do Pará, Belém, PA

RESUMO

O artigo visa analisar a relação entre as ondas feministas iniciadas no final do século XIX aos dias atuais e a questão da representatividade social incorporada a crítica feminista da obra *O Conto da Aia*, da autora Margaret Atwood, observada por meio do *storytelling* empregado a personagem *Offred*. Baseado no levantamento exploratório acerca dos movimentos feministas, argumento que, embora as lutas por igualdade de gênero tenham ganhado força no decorrer dos séculos, a mulher ainda sofre com desrespeito e violência na sociedade machista contemporânea, fato que conduz a obra distópica e faz um paralelo com a narrativa pautada na opressão feminina e o discurso que promove a identificação do público sensível ao tema.

PALAVRAS-CHAVE: Ondas feministas; *O Conto da Aia*; *Storytelling*; Igualdade de gênero.

INTRODUÇÃO

A relação da mulher dentro do ecossistema patriarcal, historicamente, apresenta problemas quanto a emancipação pela igualdade de gênero, não apenas no sentido estrutural, homem e mulher, mas também, nas relações que envolvem a sociedade e suas implicações, bem como, salários; oportunidades de crescimento empresarial; fatores que envolvem o ambiente familiar, entre outros. Nesta perspectiva, Beauvoir (2009) argumenta que a mulher é apresentada como um sujeito secundário e sua colocação é baseada na concepção social. Para a autora, o “ser mulher” é uma imposição da sociedade, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher,” (BEAUVOIR, 2009, p. 267) essa percepção estabelece que não há um fator baseado na biologia, psicologia ou economia para definir

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduado do Curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, Faculdade de Estudos Avançados do Pará, e-mail: yuriaguiar1989@gmail.com

³ Orientadora do trabalho, professora adjunta do curso de Comunicação Social Publicidade e Propaganda, na Faculdade de Estudos Avançados do Pará. e-mail: thamirismagal@gmail.com

um papel para as mulheres. Nesse sentido, a autora critica a norma imposta e alega que as mulheres devem possuir os mesmos direitos que os homens.

Essa constituinte é observada por Lipovetsky (2000) sobre a mulher contemporânea e a busca pela igualdade de gênero. De acordo com o autor, a relação social a qual a mulher foi inserida causou no decorrer da história do feminismo uma série de adaptações conforme o cenário social mudava, e também as suas próprias significações diante dos vários contextos a qual passara e que ainda passa. Segundo Santaella (2008) sobre a ótica de Lipovetsky, a mulher configurou e ou configura três papéis na sociedade. Denominada por “primeira mulher”, vivia aos olhos sociais uma dicotomia, era diabolizada quando apresentava a sua sensualidade, feminilidade ou menosprezada quando era desacreditada de funções ditas como masculinas. A “segunda mulher” era idealizada pelo homem, bajulada, mas ainda assim, seguia os propósitos dele, era subordinada a ele. A “terceira” tem autonomia sobre a influência dos homens, esta mulher é “a desvitalização do ideal da mulher no lar, legitimidade dos estudos e do trabalho femininos, direito de voto, descasamento, liberdade sexual, controle da procriação: manifestações do acesso das mulheres à inteira disposição de si” (LIPOVETSKY, 2000, p. 236).

Mesmo diante desse contexto, onde a mulher se reconhece como dona de seu próprio ser, ela sofre com as desigualdades e depreciações de uma sociedade que ainda apresenta manifestações misóginas. Neste sentido, a obra distópica, *O Conto da Aia*, da autora Margaret Atwood escrito em 1985, em meio a Segunda onda feminista, apresenta em sua narrativa o processo de desconstrução de uma sociedade com conflitos sociais graves para uma completamente enrijecida e que desfavorece completamente o papel da mulher na representação social, transformando-as em objetos usáveis e descartáveis. Atwood ilustra de forma frenética a composição de poder e gênero em uma sociedade com seus dogmas religiosos e preconceitos estabelecidos, e ainda, faz uma crítica ao feminismo de forma a não endossar os vários aspectos que compõe a temática.

A narrativa apresenta a personagem *Offred*, mulher que foi sequestrada, separada de sua família, sofre abusos físicos e mentais e ainda é obrigada a participar de uma cerimônia onde seu corpo é violado e o objetivo se configura na reprodução involuntária. A partir desse contexto, será analisado o *storytelling* e sua atuação no repasse das informações fornecidas pela personagem, e como ele apresenta ser um importante composto no processo de atrair e sensibilizar a atenção do leitor sobre o tema.

PELO PRISMA FEMINISTA

A luta feminista é histórica e ainda hoje completamente necessária. A busca por respeito e igualdade em qualquer ambiente da sociedade é significativa, visto que, problemas associados a abusos físicos e mentais em ambientes profissionais e ou familiares; “deveres” impostos a mulher pelo único fato de ser mulher; assédios; feminicídios, estão presentes neste contexto. A pesquisa “Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil⁴” de 2019 apresenta dados alarmantes sobre o bem esta da mulher, somente no último ano, 536 mulheres foram vítimas de agressões físicas por hora no país. Esta situação é um reflexo do panorama machista naturalizado pela sociedade.

Enfrentar a violência contra a mulher exige romper muitas barreiras, que se estendem desde os “pré-conceitos” e machismos naturalizados até os fatores que mantêm as mulheres em silêncio como temor, vergonha, crença na mudança do parceiro e revitimização por parte de autoridades e da sociedade. Essa violência tem vitimado mulheres pelas mãos de agressores conhecidos, iniciando-se na juventude e agravando-se na fase adulta (SCARANCA, 2019, p. 26).

Essa conduta imposta sobre a mulher é fundamentada na concepção de servidão e exclusão de assuntos ditos como masculinos inseridos no seio social à longa data. A mulher vista como um ser representante do lar, incumbida de afazeres domésticos é uma representação inserida na idealização social, “os trabalhos domésticos a que está votada, porque só eles são conciliáveis,[...] reproduzem-se dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos: não produzem nada de novo. O caso do homem é radicalmente diferente” (BEAUVOIR, 2009, p. 81). Como forma de se desvencilhar dessas imposições, vários movimentos foram surgindo para combater práticas abusivas e também como forma de reconhecimento a sua capacidade como ser humano sem as amarras relacionadas ao gênero, essa luta pela igualdade foi denominada como feminismo. Ela consistiu em três grandes momentos chamados de: Primeira onda, iniciada no final do século XIX; a Segunda onda originada na década de 1960 e a Terceira onda que teve sua origem em meados dos anos 1990 e continua presente nos dias atuais.

A Primeira onda da representação feminina teve origem nas décadas finais do século XIX, apresentando a luta da mulher pelos seus direitos políticos. Entretanto, não foi e continua não sendo uma luta fácil ou justa, a depreciação da mulher era comunicada

⁴ Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

de forma dura e direta. Essa conduta segundo Beauvoir (2009) fazia parte do temor da burguesia com relação as ideias progressistas que estavam em expansão. Livros como a *Fisiologia do Casamento* (1829) de Honoré de Balzac refletiam o pensamento machista incorporado na sociedade burguesa, com expressões de objetificação da mulher, tais como: “O destino da mulher e sua única glória são fazer bater o coração dos homens,” e “a mulher é propriedade que se adquire por contrato; ela é mobiliária porque sua posse vale como título; a mulher, enfim, não é, propriamente falando, senão um anexo do homem ” (BALZAC, 1829, apud BEAUVOIR, 2009, p. 129). Em virtude de ir contra a essas declarações, as mulheres começaram a fazer suas próprias manifestações em busca dos seus direitos.

Com a introdução das mulheres no mercado de trabalho industrial no final do século XIX, houve uma ruptura na percepção social à qual estavam inseridas, nesse panorama, elas sentiram a necessidade de participar das decisões políticas do Reino Unido. Foi nesse momento que se originou as sufragistas, nome adotado pelas mulheres que compunham o movimento feminista encabeçado por Emmeline Pankhurst, o *Women's Social and Political Union* (WSPU). Essa liga protestava a favor do voto feminino e sua validação na sociedade. Tiveram a ajuda do jurista John Stuart Mill que apresentou uma emenda ao parlamento britânico em 1867, que dava o direito de sufrágio⁵ as mulheres, algo que não fora permitido.

Stuart Mill fazia, perante o Parlamento, a primeira defesa oficialmente pronunciada do voto feminino. Reclamava imperiosamente, em seus escritos, a igualdade da mulher e do homem no seio da família e da sociedade. “Estou convencido de que as relações sociais dos dois sexos, que subordinam um sexo a outro em nome da lei, são más em si mesmas e constituem um dos principais obstáculos que se opuseram ao progresso da humanidade; estou convencido de que devem ser substituídas por uma igualdade perfeita” (BEAUVOIR, 2009, p. 140-141).

A WSPU, além de realizar reuniões e passeatas, também intensificou suas manifestações. Começaram a invadir comícios do Partido Liberal e também gabinetes, atacar policiais com pedras como forma de provocar processos e quando presas, faziam greve de fome; incendiaram cabines telefônicas; acorrentavam-se a corrimões, entre outros. Sob o lema “Ações, não palavras” o movimento ganhou destaque na mídia mundial, embora fora criticado por suas ações. Contudo, “é a primeira vez na história que

⁵ Escolha, por voto, de alguém para ocupar um cargo ou desempenhar uma função; eleição. Disponível em: <<https://bit.ly/2HJznNr>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

se vê as mulheres tentarem um esforço como mulheres; é o que empresta um interesse particular à aventura das sufragistas” (BEAUVOIR, 2009, p. 143). Com a chegada da Primeira Guerra Mundial, as sufragistas interromperam suas manifestações e passaram a ajudar o país, “essa atitude deu uma nova cara ao movimento, que passou a ser visto de maneira positiva pela opinião pública e também mostrou a capacidade das mulheres para exercerem atividades antes tradicionalmente realizadas pelos homens” (NÓBREGA, 2015).

Após a guerra, as mulheres com mais de trinta anos e que conseguiam atender algumas qualificações exigidas pelos parlamentares puderam votar em 1918 e em 1928, sem mais restrições, todas conseguiram votar. Para Beauvoir (2009) as mulheres tiveram seu reconhecimento graças ao trabalho que empenharam durante a guerra.

A Segunda onda feminista foi impulsionada pelas desigualdades e discriminação presentes na sociedade do século XX. O movimento agora, aborda as questões que envolvem a maternidade e a discussão sobre a livre escolha de procriação, violência doméstica e sexual e também os direitos a liberdade sexual. Essa manifestação ocorre nos Estados Unidos em meio ao movimento *Hippie*, o lançamento da pílula anticoncepcional e da publicação de Betty Friedan, *A Mística Feminina*, em 1963.

Embora tenham conseguido o direito ao voto, as mulheres continuaram a ser postas de lado, sendo julgadas e cobradas por uma sociedade que ainda as enxergava como seres voltados exclusivamente para a família e o lar. Reis (2008) enfatiza que a pesquisa que Friedan trouxe à público permitiu uma ótica distinta sobre o pensamento empregado até então. Em suas pesquisas, ela pode constatar que o discurso masculino, o qual remetia a felicidade que compunha as donas de casa, não era um reflexo da realidade. “Ela encontrou mulheres (um terço das quais não tinha empregos) confinadas no lar, em meio a eletrodomésticos, proles numerosas e maridos que podiam escolher carreiras promissoras” (REIS, 2008, p.84).

Esse movimento apresentou manifestações sobre liberdade, discutindo as amarras sociais ainda presentes e exigindo o seu lugar nos vários âmbitos da sociedade e também da relação de igualdade de gênero, a emancipação sobre seu corpo e sua sexualidade. “As mulheres eram escravas da procriação, agora emanciparam-se desta servidão imemorial. Elas, que sonhavam em ser fadas do lar, querem agora exercer uma atividade profissional” (LIPOVETSKY, 2000, p. 9).

Iniciada nos anos de 1990 a Terceira onda tem inserida em seu contexto o aprofundamento das discussões exploradas nos movimentos anteriores, bem como, a luta contra a violência física e psicológica inseridas no modelo de opressão atribuído as construções sociais e a inclusão de um grupo diversificado de mulheres permitindo a percepção sobre suas diferenças raciais, classes sociais e a influência que esses fatores estabelecem na própria mulher. Para Caetano (2017) o modo de compreender as questões que envolve o gênero não se restringe a pensamentos isolados, mas que se integra a vários âmbitos como sexualidade, classes sociais, religiões e etnias. Essa percepção, surge como uma falha deixada pela Segunda onda, que tinha como parâmetro as vivências das mulheres brancas.

Foi Rebecca Walker, feminista e mulher negra, quem cunhou o termo de “Terceira onda do feminismo” em 1992, como modo de expandir os assuntos e inserindo novos posicionamentos que refletiam na quebra de paradigmas e rótulos associados ao gênero. É nessa perspectiva que se atribui a interseccionalidade referentes as formas de oprimir a mulher, seja por sua orientação sexual, classe, raça e outros. Caetano (2017) contextualiza o feminismo interseccional inserido no desenvolvimento do movimento feminista negro, como uma atribuição da luta sobre as questões femininas e raciais que eram tratadas de forma não unificadas, essa dinâmica se estendia aos movimentos antirracistas e também nos movimentos feministas. “Observava-se que existia uma hierarquia tanto dentro do movimento negro quanto do movimento feminista, onde as mulheres negras ocupariam sempre a última posição, restando-se impossível uma integração real entre mulheres brancas e negras” (CAETANO, 2017, p. 8).

Nesse período a luta contra a violência também se fez presente, no Brasil a Comissão Interamericana de Direitos Humanos instaurou a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher “Convenção de Belém do Pará⁶” de 9 de junho 1994, estabeleceu leis de proteção a mulher contra atos de violência. Apesar disso, 25 anos de Lei não foram suficientes para inibir a violência cometida contra a mulher. E quando relacionado o feminicídio, a situação é aterrorizante. O Brasil tem a quinta⁷ maior taxa de feminicídio do mundo, mesmo como uma lei específica, a Lei nº

⁶ Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, “Convenção de Belém do Pará”. Disponível em: < <http://www.cidh.org/basicos/portugues/m.belem.do.para.htm>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

⁷ Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/taxa-de-femicidios-no-brasil-e-a-quinta-maior-do-mundo/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

13.104 de 2015, que inclui o feminicídio como crime hediondo para tentar coibir essa brutalidade, no que se constata em uma banalização da violência contra a mulher.

O CONTO DA AIA

A luta da mulher em uma sociedade patriarcal, como visto, apresenta contornos difíceis na busca pela igualdade nos vários campos sociais. Sendo assunto recorrente em artigos, livros, filmes, seriados e afins, como modo de discutir e analisar as facetas embutidas nesta relação. A narrativa de O Conto da Aia expõe uma sociedade que suprimiu completamente os direitos das mulheres, transformando-as em objetos, sujeitas a vontade do homem, que detém todo o poder, tudo isso é apresentado sobre a premissa bíblica de Raquel (Gênesis 30:1-3)⁸. É a partir deste contexto que a ficção científica ou como a própria Atwood (2017 a) nomeia, ficção especulativa, se desenvolve. Segundo a autora, as ficções científicas apresentam assuntos que não poderiam se concretizar na realidade, diferente das ficções especulativas, que possuem relatos imaginários baseados em fatos reais e que, portanto, podem acontecer. Desse modo, a narrativa distópica não é apenas uma reprodução de uma possibilidade, mas um aspecto profético embutido no presente que é necessário combater. Busca sinalizar, avisar sobre a opressão vivida no momento e as conquistas que esta tivera (HILÁRIO, 2013).

Lançada em 1985, a obra O Conto da Aia, da autora Margaret Atwood, apresenta uma sociedade que subjuga todos os direitos das mulheres. Publicado no fim da Segunda onda feminista e com inspiração na Revolução Islâmica do Irã de 1979, que transformou a monarquia autocrática pró-Occidente em uma república islâmica teocrática rígida e que reprime as mulheres, o livro se destacou por apresentar uma relação próxima com assuntos pertinentes da sociedade da época e que ainda se mostram presentes, expõe uma crítica feminista ao patriarcado e a indução destes nas relações entre mulheres, assuntos recorrentes das ondas feministas e contemporaneamente atuais.

O romance introduz uma sociedade que está em constante declínio populacional, ocasionado por uma série de fatores, tais como: poluição ambiental; explosão de usinas

⁸ Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, se não morro.

Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel, e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre?

E ela disse: Eis aqui minha serva Bila; coabita com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela.

atômicas; mutação do vírus da sífilis que afetam consideravelmente mulheres e homens, diminuindo as chances de fertilidade. Partindo deste contexto, há um atentado contra o governo americano onde o presidente e a maior parte dos congressistas são assassinados, sem mais constituição o poder é tomado e as pessoas passam a viver sob uma República, a de *Gilead*. Comandada pelos Filhos de Jacó, militares radicais cristãos, a república teocrática reprime as mulheres, retirando todo e qualquer direito que possuía. Divididas em classes, a elas são definidas funções que iram desempenhar nessa nova sociedade.

As Econoesposas, mulheres pobres que se casaram uma única vez com um homem; as Não-Mulheres, mulheres inférteis que não aceitaram a imposição do sistema ou idosas, são mandadas para campos tóxicos de trabalho forçado; as Marthas, mulheres inférteis, estas ficam incumbidas do trabalho doméstico; as Esposas, administram a casa; as Tias são as responsáveis por treinar e punir outra classe de mulheres, as Aias, e estas são mulheres férteis que desempenham a função forçada de procriar e amamentar a prole que será criada pela Esposa do comandante como seu próprio filho. Após o período de gestação e amamentação a Aia é enviada para outra residência para repetir todo o processo. Há ainda, um grupo de mulheres que ficam confinadas em uma área clandestina construída pelos comandantes, esta área de prostituição é chamada de A casa de Jezebel. A premissa bíblica, que está no prefácio do livro, parte do livro de Jacó. Não conseguindo engravidar, Raquel oferece sua serva, Bila, para Jacó a fecundar, sob a sua presença. Outra referência da autora, foi o desaparecimento de recém-nascidos na Argentina em 1976, momento em que era representada por um governo militar. Muitas crianças foram capturadas e entregues para famílias de policiais e militares, algo similar ocorreu com povos indígenas na Austrália e no Canadá, que também tiveram crianças separadas de suas famílias⁹.

Todos vivem sob um sistema de vigilância, sobretudo as Aias, que além disso, são constantemente ameaçadas e humilhadas, essa composição gera medo e este recai sobre as questões que envolve a confiabilidade. Este propósito, segundo Arendt, é resultante de uma república totalitária. A autora estabelece como totalitarismo uma conduta que afirma obedecer e aplicar as leis estabelecidas na História ou nas leis da Natureza e sustenta daí a sua legitimidade e suas ações, recorrendo a atos violentos, e que, “longe de ser ‘ilegal’, recorre à fonte de autoridade da qual as leis positivas recebem a sua legitimidade final;

⁹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/the-handmaids-tale-os-acontecimentos-reais-que-inspiraram-margaret-atwood-23446498>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

que, longe de ser arbitrário, é mais obediente a essas forças sobre-humanas que qualquer governo jamais o foi” (2012, p. 392).

Neste aspecto, Atwood apresenta outra referência histórica, tal como, as cores das roupas usadas para identificar um grupo ou classe de mulheres, as principais citadas no livro são: as Esposas, que vestem o azul; as Tias, com o marrom/caqui ; as Marthas, o verde; as Econoesposas, vestem roupas listradas e as Aias, o vermelho. “Esses códigos de vestuário — incluindo as estrelas amarelas para os judeus e triângulos rosa para os gays no Terceiro Reich — eram formas de identificar pessoas, controlar pessoas” (ATWOOD, 2019). As mulheres transformadas em Aias também perdem seus nomes originais. Agora passam a ser chamadas pelo nome do comandante a qual pertencem, utilizando a preposição em inglês *of* (de), mais o nome do comandante, elas passam a ser chamadas de *Offred* (de Fred), *Ofglen* (de Glen), *Ofwarren* (de Warren), entre outras. Atwood relaciona também outro significado a *Offred*, “dentro deste nome está ocultada outra possibilidade: ‘oferecida’, denotando uma oferta religiosa ou uma vítima oferecida para o sacrifício” (ATWOOD, 2017 b).

A narrativa de O Conto da Aia apresenta vários assuntos significativos e de importante discussão, essa representação está presente, mesmo, passados mais de 30 anos da publicação da obra. No campo semântico, a obra apresenta o *storytelling*, ato que se configura no efeito de contar, narrar histórias envolventes e relevantes que despertem atenção e emoção (PALACIOS; TARENZZO, 2016). É sob essa perspectiva que será analisada a narrativa de *Offred*, relacionada a crítica feminista incorporada por Atwood.

OFFRED E SEU STORYTELLING

Para BROCKMEIER e HARRÉ (2003), o emprego do termo narrativa é designado às estruturas linguísticas e psicológicas. Delimitadas pelo domínio de compreensão de cada indivíduo, combinadas com as técnicas sócio comunicativas a partir das várias narrativas particulares. Para os autores, as narrativas podem ser consideradas como uma metodologia de construção da realidade, que comporta os princípios de culturas específicas. Segue-se do conceito de que a narrativa pode ser percebida como uma cultura argumentativa, que possibilita o ser humano, a compreender o mundo e se relacionar com o seu meio social. Sendo assim a narrativa é considerada cultura.

Essa estrutura pode introduzir o *storytelling*, uma metodologia voltada para incitar o leitor, permitindo-o que este sinta-se interessado sobre um assunto ou situação que

apresente um reflexo da vida e que este o considere relevante. Ao exibir a privacidade de uma personagem, a história pode suggestionar uma imersão, possibilitando que o leitor se coloque no lugar do narrador. “*Storytelling* é uma simulação de uma realidade. Ao cativar a atenção, a narrativa provoca uma imersão que chega ao nível sensorial. Por ter uma estrutura aberta e simbólica, de conteúdos interpretáveis, é muito fácil para uma pessoa encaixar-se em uma história” (PALACIOS; TERENCEZZO, 2016, p. 103).

Os autores concluem que o termo é composto por dois conceitos que se complementam. O *Story*, constituído das histórias pessoais, imaginarias ou não, que cada pessoa possui ou interpreta, e o *Telling*, expressão das histórias apresentadas por um narrador. Assim, a estrutura funciona de forma complementar, objetivando a informação que será repassada e a carga emotiva que será adicionada no repasse dessa informação. Logo, “*Telling* é quando o *Story* sai da cabeça e ganha um espaço no mundo real” (PALACIOS; TERENCEZZO, 2016, p. 68).

A história de O Conto da Aia apresenta *Offred*, personagem que conduz a narrativa, ora de forma direta e objetiva, e por outra, é constituída por um fluxo de consciência onde o leitor acompanha seus pensamentos, bem como as suas angústias. A história é contada de forma não linear, intercalando entre presente e passado. É por meio dessa relação que Atwood expõe suas observações e críticas sobre o papel da mulher na sociedade patriarcal.

Offred inicia a narração expondo a opressão e angústia resultantes do sistema implementado pela República de *Gilead*, antigo Estados Unidos da América. Como modo de proteger a sua vida, seja por iniciativa do sistema ou mesmo de si própria, ela abstrai tudo o que considera perigoso, inclusive seus pensamentos: “Tento não pensar demais. Como outras coisas agora, os pensamentos têm que ser racionados. Há muita coisa em que não é produtivo pensar. Pensar pode prejudicar suas chances, e eu pretendo durar” (ATWOOD, 2006, p. 11). A conduta opressiva é uma forma de manter o poder, esse processo pertinente na luta da mulher e observada nas ondas femininas é “um dos benefícios que a opressão assegura aos opressores é de o mais humilde destes se sentir superior” (BOAUVOIR, 2009, p. 25). E assim, colocando a mulher em um lugar recluso e voltado a sua vontade.

Gilead constrói amarras onde a mulher acaba por vilanizar a própria mulher induzindo-as a não confiar nelas próprias e isso é fundamental para não gerar

questionamentos, e com isso, distância uma possível revolta ou manifestação contrária aos atos praticados.

As Aias não ficam confinadas nas casas, elas fazem caminhadas e compras de mantimentos, desde que, acompanhada por outra Aia. *Offred* evidencia essa questão quando acompanhara *Ofglen*: “A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós duas escapular da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhadas diárias, a outra será responsável” (ATWOOD, 2006, p. 22-23). Além disso, as Esposas, tomadas por ciúmes, não possuem empatia pelas Aias e mostram-se cruéis. Elas precisavam estar atentas as Esposas e também a todas as outras mulheres, mas, ainda assim, são as Aias que devem apresentar solidariedade, mesmo tendo o seu corpo violado mensalmente em seu período fértil: “Não é com os maridos que vocês têm que ter cuidado, dizia tia Lydia, é com as Esposas. Vocês deveriam sempre tentar imaginar o que devem estar sentindo. É claro que se ressentem de vocês. É muito natural. Tentem ser solidárias” (ATWOOD, 2006, p. 45).

Em outro momento, *Offred* após chegar com os mantimentos e entregá-los para a Martha, reflete sobre as delimitações impostas e o sentimento que é atribuído desse processo: “Nada que eu traga a agrada plenamente. Está pensando que ela poderia ter feito melhor. Preferiria fazer as compras, escolher exatamente o que quer; ela me inveja pela caminhada. Nesta casa todas nós invejamos umas às outras por alguma coisa” (ATWOOD, 2006, p. 14). As situações narradas por *Offred* giram em torno de suas emoções. Angústia, medo, desconfiança, são segundo Palacios e Terenzio (2016), parte de uma gama de sentimentos que os seres humanos sentem durante a vida, quando absorvidos geram empatia, e está permite que haja uma conexão com os sentimentos da personagem, logo o *storytelling* nasce dessa composição.

Margaret Atwood além de criticar a sociedade patriarcal, critica também a falta de sororidade, isto é, da aliança das mulheres para um bem comum, da empatia e a implicação sobre os desejos próprios, mesmo provocando prejuízos ao próximo. Essa perspectiva foi observada por Beauvoir (2009) na primeira onda Feminista, onde reiterou que faltara solidariedade das mulheres consigo próprias e que seus interesses enquanto classes, burguesa e proletária, não coincidiam. Atwood, no entanto, esclarece que a manipulação e as pressões externas também influenciam na conduta imposta por *Gilead* sobre as mulheres. “Fred e outros comandantes precisam que as mulheres internalizem sua doutrina para que se policiem. As próprias pessoas que sofrem de sistemas opressivos

se tornam as mais valiosas ferramentas de fiscalização dos que estão no poder” (ATWOOD, 2017 b).

Nesse sistema opressor a Aia possui prazo para engravidar, e caso não ocorra, é enviada para outra família, se a situação persistir é enviada como uma Não-Mulher para os campos tóxicos de trabalho forçado. Sob essa condição *Offred* encontra-se aflita em não conseguir atingir o objetivo imposto: “A cada mês fico vigilante à espera de sangue, temerosamente, pois quando ele vem significa fracasso. Falhei mais uma vez em satisfazer as expectativas de outros, que se tornaram as minhas próprias expectativas” (ATWOOD, 2006, p. 68). Essa discussão, no entanto, recai somente sobre as Aias e a demora, falhas ou incapacidade em engravidar são problemas relacionados a mulher (Aia) e apesar dessa sociedade saber que homens também ficaram estéreis, o assunto não é questionado e é tido como proibido, isso para Beauvoir (2009) é configurado na questão da superioridade enquanto sexo e também da não admissão de suas fragilidades e incapacidades. Essa situação é apontada por *Offred*, em uma conversa com o médico que afirma que há homens estéreis em *Gilead*: “Eu quase engasgo de espanto: ele disse uma palavra proibida. Estéril. Isso é uma coisa que não existe mais, um homem estéril não existe, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a lei” (ATWOOD, 2006, p. 54).

Essa sociedade sexista coloca a protagonista em vários outros percalços tão legitimamente contrários aos direitos e igualdade para com ela e todas as outras mulheres. Essa situação implica nas várias camadas e classes desse sistema, a imposição sistemática de novos hábitos conduz *Offred* a questionamentos quanto sua força para manter sua identidade: “Meu nome não é *Offred*, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, [...], mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim” (ATWOOD, 2006, p. 76). Mas os conflitos internos e as pressões envoltas de violência física e mental fazem com que a personagem mude de ideia e se conforme em viver naquele presente: “Mas é nele (o presente) que estou, não há como escapar disso. O tempo é uma armadilha e estou presa nele. Tenho que esquecer meu nome secreto e todos os caminhos de volta (o passado). Meu nome agora é *Offred*, e aqui é onde vivo” (ATWOOD, 2006, p. 128).

As forças internas e externas que agem sobre a personagem personifica as condutas impostas sobre as mulheres da vida real, conduzindo um processo de inquietude

e luta constante, não para ser igual ao homem, mas para obter igualmente os mesmos direitos e deveres.

As questões abordadas por *Offred*, são assuntos presentes na realidade do mundo contemporâneo, a violência, a retratação objetificada, são uns dos vários fatores que incidem sobre a mulher. A relevância do assunto, conduz o *storytelling* da personagem alcançar a atenção do público sensível ao tema. Este então, se configura justamente por ser um assunto debatido e questionado a tempos. A narrativa também permite reflexionar, compreender o indivíduo e se colocar em seu lugar, este processo leva os leitores a atingir os sentimentos paralelos aos da personagem. Desse modo, as narrativas diferenciam-se das convencionais, com início, meio e fim, nesta questão, não se trata de contar qualquer história, o *storytelling* promove relevância para quem lê, ouve ou assiste a um conteúdo.

A única forma de entender alguma coisa conforme você lê ou ouve é tendo um pouco de experiência por conta própria. Uma história conduz esse processo e, sem resistência, você começa a vivenciar o que o autor propõe. Assim que começou a prestar atenção na narrativa, você se dispôs a aceitar sugestões do autor. Isso é imprescindível para que sua experiência emocional seja completa. Cientificamente falando, a única forma de compreender aquilo pelo que a personagem da história passou seria utilizar seus neurônios espelhos e vivenciar junto com ela ao longo da narrativa (PALACIOS; TERENCEZZO, 2016, p.103).

Sendo assim, *Offred* não apenas conta a sua história como também dissemina uma perspectiva aterradora sobre a mulher em uma sociedade que desmantela sua força e equidade. A narrativa insere situações pertinentes sobre a perda de direitos e a violência, essas colocações conduzem a personagem a relatar seus causos de forma que não sejam esquecidos, assim como tantos outros causos reais que todos os dias são contados e também não deveriam ser: “Conto, em vez de escrever, porque não tenho nada com que escrever e, de todo modo, escrever é proibido. Mas se for uma história, [...], devo estar contando-a a alguém. Você não conta uma história apenas para si mesma. Sempre existe alguma outra pessoa” (ATWOOD, 2006, p. 40).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de emancipação das imposições sobre a mulher se faz presente há um longo tempo, porém, não de forma organizada. As opressões ao sexo feminino foram conduzidas sobre a não aceitação de seu papel como ser igual perante aos direitos e deveres exercidos pelos homens, assim sua designação era concentrada na família, no lar e ao homem. Os movimentos feministas para com a representação e representatividade

como forma organizada é recente, surge com as ondas Feministas no final do século XIX e continuam presentes. Leis foram criadas para proteger as mulheres, principalmente contra atos violentos e que vão contra a sua vida, porém o propósito delas é frágil comparado com altos índices de brutalidade que as envolve. Logo, os avanços não foram suficientes para suprimir o desrespeito, a violência e em casos extremos, a morte.

Margaret Atwood alicerça, na sua ficção especulativa, a fragilidade incorporada em uma sociedade machista que diante de uma disparidade populacional, estabelece na mulher a obrigação de resolver o problema, e como justificativa, atrela a questão negativa como consequência de seus próprios atos. O Conto da Aia apresenta relações sociais e de gênero conflitantes, onde a mulher é objetificada e inserida em classes, cabendo a classe das Aias a obrigação de se tornarem “úteros de duas pernas” e conceberem. Atwood critica as condutas incorporadas nesse cenário, pontua que tais relações estão presentes no mundo real e que sua obra apresenta um retrato das manifestações brutais que envolvem a mulher.

O *storytelling* apresentado por *Offred* constrói uma ponte na relação de empatia entre personagem e leitor, essa ligação é importante para o entendimento da mensagem e da crítica relacionada. *Offred* conta assuntos relevantes que verberam nas relações sociais, culturais e de gênero vivenciadas em várias sociedades do mundo real, a história de 1985 é presente hoje, 2019, não em toda a sua essência, mas em vários aspectos que permeiam uma sociedade que não apresenta medidas eficientes para coibir a brutalidade recorrente na vida de milhares de mulheres e que torna este lugar um reflexo de insegurança e medo.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ATWOOD, Margaret. **Margaret Atwood**: “Gosto de alternar entre velha bruxa e anciã sábia”. 2017 a. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/21/eps/1511282293_560656.html>. Acesso em: 03 de jan. 2019.

ATWOOD, Margaret. **Margaret Atwood on What ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump**. 2017 b. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html>>. Acesso em: 05 de jan. 2019.

ATWOOD, Margaret. **'The Handmaid's Tale':** Os acontecimentos reais que inspiraram Margaret Atwood. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/the-handmaids-tale-os-acontecimentos-reais-que-inspiraram-margaret-atwood-23446498>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo.** São Paulo: Companhia De Bolso, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Tradução Sérgio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n.3, p.525-535, 2003.

CAETANO; Ivone Ferreira. **O feminismo brasileiro:** Uma análise a partir das três ondas do Movimento Feminista e a perspectiva da interseccionalidade. 2017. Artigo (Pós-Graduação Lato Sensu). Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro - EMERJ. Gênero e Direito, Rio de Janeiro, 2017.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Literatura**, Santa Catarina, v. 18, n.2, p.201-215, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Terceira Mulher:** Permanência e Revolução do Feminino. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NÓBREGA, Mariana. **Quem foram as sufragettes?** Pandora Livre. 2015. Disponível em: < <http://pandoralivre.com.br/2015/12/25/quem-foram-as-suffragettes/>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

PALACIOS, Fernando; TERENCEZZO, Martha. **O Guia Completo do Storytelling.** Rio de Janeiro. Alta Books, 2016.

REIS; Ana Regina Gomes dos. **Do segundo sexo à segunda onda:** discursos feministas sobre a maternidade. 2008. 142 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2008.

SANTAELLA, Lucia. Mulheres em tempos de modernidade líquida. **Comunicação & Cultura**. Lisboa, n.6, p.105-113, 2008.

SCARANCA, Valéria et al. **Visível e invisível:** a vitimização de mulheres no Brasil 2ª edição. São Paulo. 2019. Disponível em: < <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-edicao/>>. Acesso em: 05 mar. 2019.